

A N O 2.449

Não foi no passado nem no presente, ó brasileiros, mas no futuro
que vi e ouvi reunidas sob grandes árvores
várias gerações nascidas depois das árvores que hoje existem.
Eram brasileiros, sim brasileiros: homens serenos e sábios
e mulheres sadias com seus filhos sadios amamentando-os docemente.
Havia adolescentes dançando sob as sombras amigas.
Havia moças enfeitadas de flores que cantavam como se fôsem poetas.
Verdadeiramente, velhos, jovens e crianças pareciam poetas.
Nós os de hoje, nós os dêste século, já não existíamos.
Estávamos todos mergulhados na morte,
eternamente na morte, eternamente na morte.
Mas êles nos amavam apesar de nossas faltas, de nossos erros, de nossas
ignorâncias.
Já não se lembravam de nossos nomes e de nossas histórias
e confundiam no esquecimento a história de outros povos distantes
que viveram lutando, que morreram lutando.
Trouxeram para ali uma estampa de Cristo:
sômente esta face era a mesma inalterável e bela.
Puseram-se a beijá-la: estavam bem próximos dela.
Mas ninguém lamentava nem censurava a existência de ódios,
e de assassínios em que vamos vivendo.
O silêncio da morte havia abafado as nossas vozes,
o pó de nossos ossos já não existia nas tumbas,
a face da terra era outra, era outra.
Mas êles nos amavam com uma espécie de piedade,
como nós aos que há milênios vieram de Mesopotâmia.
Eu os vi e os ouvi, ó brasileiros,
eram como nós, sob as mesmas estrelas,
mas haviam nascido várias vêzes para nos esquecer,
para nos esquecer e não nos odiar.